

PROBLEMAS DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Prof. ARTHUR E. BURNS

(Transcrito da Revista Brasileira de Economia,
de Set de 1953)

Nota da Redação — Esta Revista inicia, neste número, a publicação de uma série de 6 conferências proferidas pelo Prof. Arthur E. Burns no "Instituto Brasileiro de Economia", da Fundação Getúlio Vargas. Transcritas, com a devida vénia da "Revista Brasileira de Economia", de setembro de 1953, recomendam-se como uma notável síntese das principais questões que afetam o desenvolvimento econômico de qualquer país e cabem como uma luva ao caso do Brasil. Eis porque recomendamos a sua leitura e meditação por todos os oficiais, particularmente pelos de Estado-Maior.

APRESENTAÇÃO

O Professor Arthur E. Burns, da George Washington University, de Washington, D.C., Estados Unidos da América do Norte, proferiu suas conferências nos meses de julho a setembro de 1952 no Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas. Na primeira das suas conferências traça a história do pensamento econômico sobre problemas do desenvolvimento econômico, frisando a grande importância do trabalho de Schumpeter. Procura definir os conceitos de "desenvolvimento e e sub-desenvolvimento" e discute as várias críticas que têm sido feitas à definição desses conceitos em torno do nível de renda real per capita. Discute a política dos Estados Unidos relativamente ao desenvolvimento econômico das áreas menos desenvolvidas do Mundo e procura indicar por fim, de forma resumida, as condições de progresso econômico.

Na segunda conferência, dedicada às relações entre o progresso

econômico e política econômica, o Professor Burns trata do papel que a política dos governos poderá desempenhar na expansão econômica. Muito embora reconheça o papel que tem que ceder aos governos nesse processo, mostra que há, presentemente, uma perigosa tendência a exagerar as vantagens, para o progresso econômico, que podem advir da intervenção governamental.

Na terceira conferência, dedicada ao caso do Japão, o Professor Burns discute o progresso econômico desse país desde as últimas décadas do século passado — tirando lições — com a devida cautela — para a política que outros países poderão seguir.

Na quarta conferência, dedicada às relações entre crescimento econômico e inflação, o Professor Burns mostra-se partidário de uma política intermediária entre a que preconiza absoluta estabilidade do nível geral de preços e a que admite a necessidade de preços em alta sistemática como condição essencial de progresso econômico.

Na quinta conferência, intitulada "Crescimento Econômico, Mobilidade e Bem-Estar", o Professor Burns frisa a grande importância da manutenção de um alto grau de mobilidade social como condição do rápido progresso econômico. Mostra também que certas formas de política visando ao bem-estar social necessariamente diminuem o ritmo do progresso econômico, por forçarem o aumento de con-

sumo, podendo-se, entretanto, recorrer ao aumento do bem-estar, favorecendo o progresso econômico mediante o aumento eficiente do fator humano na produção.

Na última conferência o Professor Burns, que durante sua estada entre nós visitou várias partes do país, faz uma série de observações bastante otimistas relativamente às perspectivas do nosso progresso econômico.

I — ALGUNS CONCEITOS BÁSICOS RELATIVOS AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Os problemas e as perspectivas do crescimento econômico nos países pouco desenvolvidos tornaram-se novamente assunto de suma importância para os economistas. Tem diversos motivos esta ressurgence do interesse pelo problema postulado por Adam Smith, isto é, a natureza e as causas da riqueza das nações. Hoje em dia, admite-se o progresso econômico como meta política em muitos dos países pouco desenvolvidos neste setor. Constitui fator de relevo na política externa dos Estados Unidos e é evidente que constitui igualmente o principal objetivo do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, bem como de outras organizações internacionais. Pode-se mesmo considerá-lo como um movimento, uma campanha de alcance mundial, com todos os defeitos e toda pujança das antigas cruzadas.

Não resta dúvida que as regiões pouco desenvolvidas poderão obter reais vantagens da afluência de capitais e de assistência técnica proveniente dos governos dos grandes países industriais e das organizações internacionais. Já nos países em franca evolução econômica transparecem êsses frutos. Não devemos, porém, nos esquivar à possibilidade de decepções. O crescimento econômico é um processo lento, difícil e mesmo doloroso às vezes. Alguns dos países pouco

desenvolvidos estão com pressa de crescer para poder colher êsses benefícios. Por outra parte, os obstáculos que se opõem ao desenvolvimento, assim como o custo da pressa são mui freqüentemente subestimados.

O ritmo do crescimento econômico depende em grande parte dos próprios países, da sua disposição para aceitar a severa disciplina que impõe a industrialização. Depende também da continuidade e da inteligência prática da política norte-americana e das diretrizes das organizações internacionais. E não é possível se ter qualquer segurança neste campo, pois depende, em grande parte, por sua vez, da orientação política. Já conhecemos suficientemente os caprichos da política para podermos dissipar toda condescendência fácil quanto às perspectivas de desenvolvimento econômico rápido.

A Teoria Econômica e o Desenvolvimento Econômico. Alegar que a análise do desenvolvimento econômico é um dos aspectos relativamente pouco estudados da economia teórica, seria um exagero perdoável. As teorias atuais emanam dos sistemas econômicos mais avançados e por conseguinte têm pouca conexão com os problemas que surgem nos países pouco desenvolvidos. O contraste entre as mais recentes investigações teóricas e a primitiva teoria econômica

devem ser frisados devido a que, ao meu ver, as últimas tendências teóricas não esclarecem os problemas do crescimento. Isso apesar de que a teoria moderna se estabeleceu como resultado das pesquisas feitas em busca das causas do crescimento econômico. Podemos considerar Adam Smith como o teórico das economias pouco desenvolvidas. De fato, a Grã-Bretanha nessa época estava muito mais atrasada que muitos dos países que hoje consideramos pouco desenvolvidos.

Smith encarou o problema do crescimento na sua forma mais ampla: (1) a necessidade de desenvolver os recursos econômicos; (2) a necessidade de distribuí-los adequadamente; e (3) a suma importância de se formular uma política a fim de assegurar o desenvolvimento e a distribuição. Esta compreensão da substância do problema do crescimento econômico aplica-se tanto ao Brasil, e muitos outros países cujas economias estão atualmente em fase de desenvolvimento, quanto à Grã-Bretanha do 18º século, ou aos Estados Unidos durante o século seguinte. Smith reconheceu que era essencial a formação de capitais, a divisão do trabalho estimulado tanto pela referida formação de capitais como pela extensão dos mercados — e a elevação do nível técnico que resulta da especialização do trabalho. Estes fatores contribuiram para melhorar a produtividade do trabalho e por conseguinte aumentaram a produção nacional, o que, sua vez, promoveu o crescimento da população e dos recursos de mão-de-obra, voltando a incrementar novamente a produção bruta da economia. O acréscimo ao volume de capitais desviou a mão-de-obra de atividades "improdutivas", canalizando-a para a produção de bens de consumo, constituindo assim um incremento à produção real, no sentido físico da expressão.

Não era suficiente, porém, o aumento do volume de recursos, pois era também necessário empregá-los adequadamente, apesar de certas reservas e dúvidas neste se-

tor. Smith confiava na existência de um mercado de livre concorrência como força orientadora. Não acreditava cegamente neste mecanismo, mesmo quando existisse uma concorrência relativamente eficiente. Mas a verdade é que desconfiava menos deste método do que de sua alternativa — a distribuição dos recursos por meio de decretos governamentais ou privilégios da mesma ordem. Neste ponto de vista fundava-se a orientação da sua doutrina: que se deixara que um sistema óbvio e simples, como o de liberdade natural, — cuja base é o desejo natural de todo o indivíduo de se melhorar, — fosse o principal meio de se obter a produção de um país e de assegurar a expansão da mesma.

Para seus contemporâneos, esta análise e esta doutrina tinham sentido. E ainda é aplicável aos países pouco desenvolvidos (assim como a outros mais adiantados) a um ponto que nem sempre é reconhecido pelos sofisticados economistas da nossa era. As teorias de Smith não ultrapassavam do essencial enquanto que os economistas modernos vão muito além do necessário. Sua compreensão dos problemas da antiga Inglaterra não se complicava nem era desvirtuada por dar atenção às exigências teóricas e às técnicas enredadas. Tão pouco preocupava-se pelas crises de curta duração que requerem notícias apressadas e artigos preparados para o próximo número de uma revista econômica. Como economista, era um simples amador e estudava a matéria com uma atitude de independência e calma que não é possível aos profissionais atuais.

O crescimento econômico continuou sendo o pivô do interesse que tinham Malthus e Ricardo por esta matéria. Suas perspectivas, porém, tornaram-se mais complexas devido a ênfase exacerbada sobre questões tais como a lei de rendimentos descendentes, a superpopulação, a distribuição da renda, o papel que desempenha a procura real e problemas imediatos de política geral. Foi John Stuart Mill quem acabou

com o interesse dos teóricos pelo problema de desenvolvimento econômico como disciplina ortodoxa da clássica economia política. Marx, no campo não-ortodoxo, prestou uma notável contribuição à análise do crescimento dinâmico, a qual se perdeu dentro de um labirinto de dogmas, desconexa e de profecias erradas.

O interesse teórico pela ciência econômica do crescimento, no quanto a seus fins práticos, desapareceu, por assim dizer, com os fins do 19º século. Indubitavelmente, Marshall exprimiu e manteve uma fé relativa no "progresso" gradual. Acreditava, porém, que "natura non facit saltum", doutrina esta que afastava a essência do desenvolvimento econômico dinâmico. A dinâmica do crescimento era demasiadamente desordenada para poder ser incluída dentro do seu sistema metódico que consistia em pequenas modificações no intuito de eliminar pequenos desequilíbrios.

Tanto a análise da utilidade marginal como aquela do equilíbrio geral no princípio do século derivam da distribuição ótima de determinados recursos para a satisfação da procura do consumidor. Não resta dúvida que o problema da distribuição é de vital importância em matéria de crescimento econômico e nestes tempos modernos dá-se-lhe menor consideração do que merece. Uma teoria fundamentada em determinados recursos, porém, terá forçosamente de ser excluída dos principais problemas do crescimento, os quais se referem igualmente às perspectivas de expansão dos recursos e às modificações estruturais provenientes daquela expansão.

Tanto a teoria da utilidade marginal, como a análise neoclássica e a análise do equilíbrio geral constituem o que se pode chamar de teoria estática. Nesta qualidade, pouco têm a contribuir para a teoria do crescimento ou desenvolvimento econômico. Não existe qualquer explicação simples para este abandono do primitivo interesse clássico pelas causas e con-

dições do crescimento econômico. Acredito que o seu próprio êxito em parte determinou esta mudança no interesse teórico. Tanto a Grã-Bretanha como a Europa Ocidental já estavam desenvolvendo-se e as dificuldades provenientes das modificações estruturais pertenciam ao passado. A criação de uma economia mundial eliminou as limitações à expansão que tanto preocupavam as gerações anteriores. A medida que crescia a renda e a riqueza, as fontes da renda pareciam ser menos urgentes que a utilização daquela renda. Esta modificação no ponto a ser frisado resultou em que se atribuiu maior importância à procura, um problema de menor alcance numa economia em franco desenvolvimento. Mórmemente, a análise estática presta-se a técnicas matemáticas que são consideradas "científicas" enquanto que o processo de crescimento é refratário às mesmas. É provável que a predileção dos economistas pelo método científico (observado exclusivamente como técnica matemática) tenha influenciado sua es-côlha de problemas.

Os escritores socialistas da segunda década deste século pouco contribuiram à teoria do desenvolvimento econômico. Seu trabalho consistiu apenas em adaptar a análise contemporânea de equilíbrios aos problemas de distribuição num estado socialista, sendo incitados a isso pelas declarações de Von Mises, que julgava que o sistema socialista carecia de meios para organizar seus recursos racionalmente. A tradição keynesiana tão pouco oferecia qualquer análise do desenvolvimento econômico. A Teoria Geral elaborou uma análise estática agregativa, abarcando dados recursos e tecnologia. Com esta hipótese, elimina-se o problema de crescimento. Ademais, o processo de modificação na renda e na produção, com determinados recursos, falta na análise. Os trabalhos de Robertson e Ohlin são mais úteis do ponto de vista da análise cíclica. Não resta dúvida, porém, que a economia keynesiana estendeu sua influência à economia do desenvol-

vimento, especialmente no que diz respeito à criação de tendências inflacionárias, as quais julgo inerentes ao crescimento econômico.

O interesse atual por esta esfera da economia parece se concentrar em uma de duas direções: num caso, pela construção de modelos, o que requer a elaboração de complexas técnicas matemáticas. Como meio para demonstrar técnica profissional, este tipo de trabalho teórico é realmente proveitoso, mas como instrumento para auxiliar na formulação de política para a solução de problemas práticos, seu valor ainda não foi comprovado. O segundo setor compreende as investigações especializadas sobre determinados problemas do crescimento econômico. Neste caso, a bem dizer, tem-se dado maior importância às consequências do crescimento econômico do que às suas causas fundamentais e às condições da expansão econômica.

Os trabalhos de Schumpter, porém, não pertencem a qualquer destas duas categorias que, basicamente, são bastantes estéreis. Como teoria de desenvolvimento econômico, é mais aplicável do que qualquer outra obra recente sobre este assunto. Na minha opinião, os economistas dos países pouco desenvolvidos lucrariam muito com o estudo das suas teorias sobre o crescimento econômico. Por outro lado, o Professor Hansen, nas suas considerações sobre o crescimento a longo prazo, tratou principalmente das perspectivas para esse desenvolvimento (ou sua ausência) nos Estados Unidos. Como tôda a teoria atual, de um modo geral, sua obra provém de um sistema econômico avançado e sua importância, mesmo nos Estados Unidos, pode ser discutida.

O fato de estar a análise econômica tão pouco evoluída no tocante aos problemas dos países pouco desenvolvidos deve-se provavelmente a que, do ponto de vista teórico, a natureza mesmo do problema oferece pouco interesse. O nível da análise de Smith já não se pode respeitar agora, mas, quiçá,

não se precise mais nada para estabelecer uma orientação política eficiente.

O crescimento econômico dá lugar a modificações estruturais de base através o tempo no sistema econômico. O processo transitório de mudança, suas causas e consequências constituem a matéria para o estudo da economia do desenvolvimento. Neste processo não há valores constantes; cada setor age sobre cada outro e sua interação raramente é previsível. O problema não se presta à análise matemática nem à elegância teórica exigida pelos economistas da nossa era para o desempenho da sua profissão. Julgo que os países escassamente desenvolvidos poderão tirar pouco proveito da orientação política que se percebe nos complexos modelos teóricos dos sistemas econômicos mais desenvolvidos.

Critérios de Crescimento. Recentemente, diversos economistas têm procurado determinar a significação dos termos "desenvolvido" e "pouco desenvolvido" quando aplicados a sistemas econômicos. A importância do problema é evidente. Uma Comissão das Nações Unidas definiu um país *desenvolvido* da seguinte maneira: um país cujos recursos estão plenamente desenvolvidos, em relação ao nível de conhecimentos atingido com respeito à sua utilização. Na realidade, nenhum país até hoje alcançou esse nível, mas ao mesmo tempo existem muitos países que estão bastante longe dessa posição. Estes são os ditos "países pobres", onde a renda *per capita* poderia ser aumentada por meio de novas inversões de capital, a divulgação de conhecimentos técnicos, a elevação do padrão de saúde pública, a introdução de reformas sociais e econômicas e uma administração pública eficiente. A medida adotada pela ONU consiste na relação entre a produção (renda) *per capita* e as prováveis potencialidades do país.

O valor da renda *per capita* ou da global como critério de nível de desenvolvimento ou como medida

de crescimento é negado pelo Professor Viner e outros especialistas. Durante suas conferências aqui no "Instituto Brasileiro de Economia" da Fundação Getúlio Vargas, o Professor Viner declarou que o aumento na produção total ou *per capita* não é necessariamente acompanhada por uma redução no nível de "esmagadora probreza" em que vive uma parte considerável da população. Herbert Frankel, suscita problemas ainda mais fundamentais com a questão da medição da renda, insistindo que a renda, *per se*, não pode ser usada como medida da satisfação. O aumento da renda e da produção não corresponde diretamente a maior bem-estar, pois tanto a renda, como o bem-estar, dependem do padrão de "valores" da nação. Não se pode comparar a renda e o bem-estar entre países e por conseguinte não se pode diferenciar entre êles na base de uma unidade "Abstrata", pois o resultado seria inexacto. Mórmente, o aumento da renda num país pouco desenvolvido pode corresponder a apenas uma mudança, como por exemplo de agricultura de subsistência (ou qualquer outra atividade semelhante) para operações realizadas num mercado.

Estas críticas são fundamentadas, se bem que revestem pouca importância para fins políticos. As referências feitas pelo Professor Viner ao bem-estar aplicam-se sobretudo ao prazo curto, e não se pode negar que nesse prazo, o aumento da renda e da produção podem redundar em benefícios apenas para um grupo limitado. Se esse grupo resolver poupar, porém, invertendo uma parte do incremento à sua renda, estimulará o desenvolvimento a longo prazo. Naturalmente, não haverá poupança entre os pobres. No sentido material, o bem-estar é uma consequência do crescimento. Em todos os países grandemente industrializados, a redistribuição dos benefícios materiais realiza-se bastante tarde, mas, mais ou menos, inevitavelmente. Primeiro ocorre o crescimento e, a distribuição dos

seus benefícios, por força, tem que acompanhá-lo.

Criticar o critério de medição com base na renda, de acordo com os argumentos apresentados por Frankel, redundará sem dúvida na frustração da política que se está procurando elaborar. Num país pobre, seria razoável concluir que o bem-estar e a produção *per capita* variam com o decorrer do tempo. Se o aumento da produção é representado pela fabricação de armas, não haverá qualquer elevação do nível do bem-estar geral. Mas, em contraste, os programas de desenvolvimento visam aumentar a produção de bens de capital e de consumo, erguendo o nível da parca cifra individual atualmente calculada. Até certo ponto, certos incrementos podem ser considerados como meios seguros de aumentar o bem-estar (na aceitação corrente da palavra) no prazo longo.

Realmente, nos ditos países pobres, o critério para a política de desenvolvimento pode ser ainda mais limitado que a renda (produção) individual. Por exemplo, a produção de bens *per capita* seria um índice adequado. E é esta a prova geralmente aplicada pelos economistas clássicos.

O Crescimento Econômico no Passado e no Presente. É recente a origem do conceito de desenvolvimento econômico na base do qual se formula a atual política neste setor. Durante o 19º século, não se falava no "desenvolvimento" de regiões escassamente desenvolvidas, tal como se concebe atualmente este termo. No século passado, inversões estrangeiras representavam uma escolha entre diversas alternativas lucrativas. Aquêles que dispunham de capital para estes fins interessavam-se apenas pela renda proveniente da inversão. Os resultados da operação no país pouco adiantado lhe eram totalmente indiferentes, salvo no que dizia respeito à rentabilidade da sua inversão. A expansão industrial por meio da exportação de capitais era apenas a extensão do processo normal de inversões.

Atualmente, porém, a política de desenvolvimento se fundamenta numa base inteiramente diversa. Sua preocupação principal relaciona-se à renda e ao bem-estar geral do país recipiente do capital. Nos programas de inversão para fins de desenvolvimento, normas de saúde pública, alojamento, nutrição e educação combinam-se com objetivos materiais, tais como o aumento da produção física.

São muitas as razões desta modificação radical na política e no conceito geral. Os próprios países pouco desenvolvidos já não querem que seus recursos sejam explorados exclusivamente para o bem dos estrangeiros que ali invertem seus capitais. A carência de mercadorias importadas durante a guerra obrigou-os a diversificar suas atividades industriais e a procurar capitais estrangeiros neste intuito. O nacionalismo também contribui para o desejo de alcançar um nível elevado de produção dentro de uma economia bem equilibrada. No mundo inteiro, vastos grupos da população dos países pouco desenvolvidos nutrem a esperança e ao mesmo tempo exigem que a pobreza em que vivem seja amenizada.

Existe uma série de motivos para a política de desenvolvimento promulgada pelos Estados Unidos. Alguns crêem que a repressão do comunismo requer e depende em parte da elevação das normas do bem-estar físico. Em poucas palavras, a pobreza engendra o comunismo e a prosperidade ajuda a dissipá-lo. Não obstante, considero esta teoria como uma simplificação exagerada. Pode-se dizer que o comunismo é um recém-chegado na longa história da pobreza. As origens ideológicas e o apoio ao comunismo não se encontram nas massas desanimadas. O comunismo representa um fôrça mais forte em certos países adiantados da Europa Ocidental do que em outras nações paupérrimas, tais como o Afeganistão. O povo que está descontente, além de pobre, é o mais suscetível à propaganda comunista — ou à de qualquer outro movi-

mento. Para reprimir o comunismo não basta o desenvolvimento econômico e o bem-estar geral da não que dêle provém. Combinado com outras influências político-sociais, porém, o bem-estar econômico poderá mostrar-se um elemento eficiente para refrear o comunismo.

A política norte-americana fundamenta-se em parte na idéia de uma "obrigação" para prestar auxílio às regiões pouco desenvolvidas no intuito de torná-las prósperas. É impossível dar um sentido exato a esta noção vaga de obrigação, mas não deixa de ter sua importância. Outras considerações de ordem prática que formam a base da política frisam a necessidade de fortalecer os povos amigos, constituindo reservas de produtos estratégicos além-mar e estendendo os mercados estrangeiros.

A desintegração da tradicional economia mundial também é um fator de grande relevo como estímulo à atual política de desenvolvimento. Este elemento, mais que qualquer outro, é responsável pela criação do Banco Internacional, chegando mesmo a provocar a modificação dos objetivos iniciais do Export-Import Bank.

As Condições para o Crescimento Econômico. Sejam quais forem as razões pelo atual interesse no desenvolvimento econômico, a verdade é que a expansão econômica serve de meta a muitos governos. Como já tive ocasião de salientar, o crescimento econômico, não é um processo fácil, nem é automático. Depende da existência e da evolução de condições favoráveis. Pretendo indicar algumas destas agora e, durante as conferências seguintes, tratarei pormenorizadamente das mais importantes entre elas.

1. A formação de capital. Isto representa mais do que a mera acumulação dos meios físicos de produção. O desenvolvimento do capital resulta de condições políticas e sociológicas de ordem indígena. A formação de capital depende de uma série de atitudes, crenças e relações sociais que de-

vem prevalecer nos países pouco desenvolvidos, se é que desejam evoluir. Sem as seculares virtudes capitalistas (seja qual for a forma institucional em que se apresentam), tais como a indústria, a poupança, a previdência e a manutenção dos recursos, o crescimento torna-se difícil. Faltando estes fatores psicológicos, as importações de capital, quiçá não constituiriam inversões e sim, apenas dariam lugar ao consumo de capital. Por conseguinte, as importações de bens de capital, na melhor das hipóteses, estão subordinadas às fontes internas de formação de capital.

2. A distribuição eficiente de recursos de capital é evidentemente o segundo fator essencial ao crescimento econômico. É neste setor que os programas de desenvolvimento vão de encontro a uma dificuldade fundamental que consiste numa multiplicidade de metas vagas para a distribuição do capital disponível. Toda política e todo programa de desenvolvimento contém inúmeros objetivos políticos e sociais. O critério da produtividade não é de modo algum decisivo. Por onde vemos que a distribuição eficiente do capital é dificultada de um modo especial e diferente, em contraste com a situação encontrada quando a inversão corresponde ao critério simples e objetivo do mercado.

3. Outra condição essencial ao crescimento econômico é a administração eficiente dos recursos de mão-de-obra e capital. Nota-se, porém, que a técnica e a capacidade administrativa nos países pouco desenvolvidos é geralmente bastante inferior. Em certos países, o problema não é tanto de falta de capital como da utilização eficiente dos recursos existentes.

4. O aumento dos recursos de mão-de-obra é de fundamental importância num país como o Brasil, que dispõe de um vasto território. Em contraste, há outras partes do mundo (v.g. a Índia) onde a produção total poderia ser aumentada

mediante a diminuição da população e também da mão-de-obra.

5. As condições sociológicas psicológicas e institucionais essenciais ao crescimento merecerão apenas uma breve referência. As disciplinas duras, mas fundamentais, do desenvolvimento do capital e da produção e a estrutura institucional necessária só podem ser adquiridas paulatinamente. Os velhos costumes e as antigas atitudes podem ser alteradas lenta e dificilmente e as novas encontram muita resistência. Não é fácil efetuar a transição representada pela passagem do estado de escasso desenvolvimento ao nível de uma economia adiantada. Requer outras coisas senão a formação de um capital físico. É essencial a adoção de um sistema de valores que atribua grande importância à parcimônia, ao trabalho difícil e às suas recompensas materiais.

(Continua)

Companhia Progresso Industrial
do Brasil

FÁBRICA BANGU

TECIDOS FINOS

EXIJAM SEMPRE A MARCA



QUE GARANTE:

Elegância, Cores firmes e Durabilidade

Geografia e História Militar



CAXIAS

General LIMA FIGUEIREDO

"A vida é tão curta que não chega a ser pequena", disse Disraeli, todavia a de Caxias encheu um império, cujo trono ruiu, quando lhe faltou aquele que sempre lhe serviu de escora. Apesar de Napoleão haver dito que "na guerra se envelhece mais depressa", Caxias viveu 77 anos de vida frenética; na paz, envidando seus melhores esforços para manter a pátria unida e coesa; na guerra, conquistando louros e glórias nas lutas externas a que o Império foi levado.

"Os homens são meros intérpretes do meio social em que vivem, de cujas aspirações se impregnam, com cujas esperanças se indentificam, por cujo bem se batem". Assim pontificava o meu ilustre e pranteado mestre do Colégio Militar, professor Daltro Santos. "O homem é fruto do meio": vêm muitos repetindo de longa data. Caxias foi um produto do ambiente em que viveu, desde que abriu os olhos para o mundo...

Nasceu em 1803 no seio de uma família militar com troncos em Portugal e Espanha, nos quais se estrelhava a mais ávita nobreza. Em

1808, quando a plagas brasileiras aportava a família real com Dona Maria I e o príncipe Dom João à frente, com cinco anos de idade, ingressava, como cadete, no 1º Regimento de Linha. Muito criança para apreender bem o grande evento, pois ainda não havia atingido à época do uso da razão, algumas reminiscências lhe teriam ficado daquele instante em que vestia pela primeira vez uma farda, justamente, quando sua pátria se integrava no Reino Unido de Portugal e do Brasil e Algarves daquém e dalém mar. Tornar-se soldado, ao mesmo tempo que a pátria se agigantava para a liberdade, foi fato que se lhe entranhou na memória para todo o sempre. Disto não deve haver dúvida alguma. Naquele momento foi tocado do idealismo platônico, pois, consoante a teoria do discípulo de Sócrates, não conhecemos, reconhecemos; não aprendemos, lembramo-nos. "O ato da razão não passa de uma reminiscência".

Luís Alves de Lima estuda, adquire cultura, exerce-se nas armas, ganha seu primeiro galão.

Vai servir como ajudante, no Batalhão do Imperador, unidade constituída de oficiais e soldados escolhidos a dedo pelo próprio Dom Pedro I. Nessa qualidade recebe a primeira bandeira brasileira apresentada à tropa e ao público, depois do famoso grito do Ipiranga. Ao ter nos braços o sagrado vexilo guardou aquele momento, fixando aquele quadro para o resto da sua existência, como se a própria pátria lhe fosse entregue, para que ele a vigiasse, guardasse e defendesse. Naquela ocasião, na Capela Imperial, perante o Imperador, o Senado da Câmara, os ministros, os fidalgos, as damas da corte, o Tenente Luís Alves de Lima sentiu-se não apenas o porta-bandeira, mas a pedra angular onde repousaria a própria nacionalidade do novel Estado que acabava de se constituir. E assim, imbuído desse sentimento, partiu para a Bahia, com seu batalhão, disposto a dar o máximo — sua vida, como o mínimo que poderia oferecer. Desafiou a morte, bateu-se com bravura e só se sentiu feliz ao ver a pátria desafogada, com a partida das tropas lusórias do General Madeira de Melo mar a fora em busca do Velho Mundo.

Os acontecimentos lhe orientavam a vida. Sentia-se sem o querer, mas o desejando, um dos intérpretes da vontade do povo, encarnando os seus ideais, aspirações e esperanças. Com o decorrer de sua existência, Luís Alves de Lima confundiu sua vida com a da própria Pátria e na sua defesa não poupou sacrifícios, nem mediu consequências. Estava sempre firme, alerta e vigilante onde estivesse o interesse do Brasil. Empregou-se sempre a fundo, dominado pela ideologia de uma pátria livre e forte, verdadeira centelha que iluminou sua alma aos cinco anos de idade, quando, quiçá por determinação divina, assentou praça no momento mesmo em que Dom João chegava ao nosso país. Essa centelha metamorfoseou-se em eloquente fogueira de patriotismo ao receber, solenemente, o estandarte verde e amarelo, cujo pano fêz em seguida flaflar nos céus baianos na

única luta que ocasionou derrame de sangue, o mais caro preço da nossa independência política. A reminiscência da infância e a alegria de receber o pavilhão nacional forraram-lhe o interior, dando-lhe a crença de que fôra escolhido para defender a integridade da Pátria, cujo nascimento quase coincidiu com o seu.

Do mesmo modo surgiu seu amor pelo imperador e sua lealdade ao regime. Herdou do genitor seu respeito ao trono e seu desvôlo pelas pessoas da casa imperial. Considerava-os seus, partes integrantes do seu eu e não conseguia de modo algum separá-los do sentimento que devotava ao Brasil. Pátria e imperador eram duas coisas numa só. Tinha motivos para isso. De sua retina e da sua memória jamais pôde subtrair o espetáculo a que assistira: seu pai, tendo nos braços aquele que seria Dom Pedro II, envolto em flanelas, rendas e sedas, apresentá-lo à corte no mesmo dia em que viera ao mundo — 2 de dezembro de 1825. Este fato influiu, certamente, no ânimo de Luis Alves de Lima: os mesmos braços másculos que o embalaram também o fizeram ao princípio que acabava de nascer.

Essas reminiscências e as histórias ouvidas no lar da boca de seus pais e dos seus tios, fizeram-no um escravo do seu amor desmedido à Pátria e um amigo leal e certo do imperador, em tôdas as ocasiões. Jamais alguém ouviu dos seus lábios uma queixa, pois aceitava com a mesma serenidade os sacrifícios, os infortúnios e as glórias. Sua formação, no meio social em que nasceu e viveu sua infância e sua juventude, traçou-lhe a senda do dever, imprimiu-lhe sua lei moral à qual adaptou tôdas as suas ações. Sempre pensou, amou e agiu com os olhos voltados para a Pátria, cuja grandeza personificava no imperador. Por isso, quando certa vez o criticaram de haver marchado com seu batalhão para o Campo de Santana a fim de se reunir à tropa que exigia de Dom Pedro I um ato, cujo resultado foi sua abdicação a

7 de abril de 1831, lealmente declarou:

— "O batalhão do imperador foi um dos últimos corpos que chegaram ao Campo de Santana, tendo para ali marchado em ordem, conduzido pelo seu próprio comandante, ocupando eu o meu lugar de major, portanto, em virtude de ordem competente; não fui revolucionário. Estimei a abdicação; julguei que era vantagem para o Brasil, mas não concorri direta ou indiretamente para ela".

Antes de entregar sua sorte à do seu batalhão, chamado pelo monarca, se bem que fôsse apenas um oficial de baixa graduação, indicou a Dom Pedro I, em resposta ao que lhe fôra solicitado, uma solução que poderemos considerar a um tempo hábil e ardilosa. O imperador não aceitou e preferiu abdicar, porque era homem de quebrar e não de torcer. Deveria êle seguir para Santa Cruz, onde reuniria as milícias que ficariam sob o comando de Luís Alves de Lima. No mesmo momento deveria lavrar um decreto, concedendo baixa a todos os soldados. Assim, em vinte e quatro horas, os oficiais ficariam a sós. Quadros sem tropa nada poderiam fazer. E a luta seria, momentânea ou para sempre, evitada...

Quando se faz a biografia de um grande vulto, três considerações devem ser examinadas: Como o Homem tratava os homens; como os homens consideravam o Homem e, finalmente, o que o Homem fêz pelos homens. Em resumo, como o Homem se comportou no meio social em que viveu e o que realizou em seu proveito. Infelizmente não será possível em poucos minutos abordar todo êste esquema, mas irei adumbrar alguns aspectos.

Luís Alves de Lima pacificou quatro províncias: Maranhão, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, nas quais além de exhibir suas altas qualidades de chefe militar, mostrou ser, em duas delas, fino e eficiente administrador, sendo gabado por gregos e troianos pelas excelsas virtudes que exornavam sua personalidade, em cujo número se apontava em primeiro

lugar a bondade. Era bom, boníssimo, mas o que é melhor: sabia ser bom. Tinha especial *savoir faire* intuitivo em praticar a bondade sem ostentação, sem *double sens*, sem humilhar ninguém.

Em tôdas as campanhas fraticidas em que tomou parte, antes de enfrentar os adversários já trombeteava sua vontade de ver tudo pacificado e a concórdia reinando entre todos para a felicidade do país. Ninguém temesse prisões injustas e represálias, pois êle exigiria do imperador a anistia ampla. E assim foi vencendo, fazendo dos vencidos amigos sinceros e leais.

Vencendo o bravo e impávido David Canabarro na revolução farroupilha, na luta contra Oribe e Rosas, em 1851-52, chamou-o na primeira hora para dar-lhe um comando importante. E nessa ocasião era seu Chefe de Estado-Maior o coronel Miguel de Frias que êle combatera, perseguiu e deixara fugir vinte anos atraç na rebentina chamada *abrilada*.

1832. Na regência estava o padre Antônio Diogo Feijó. O major Miguel de Frias notabilizara-se a 7 de abril, também considerado o segundo sete de setembro. Foi êle que, cavalgando fogoso corsel, fêz vibrar as tropas estacionadas no Campo de Santana, sacudindo na mão o documento histórico da abdicação do imperador. Com êste ato pôs-se em evidência e, sendo naturalmente exaltado, seu espírito sentiu-se espicaçado para uma nova façanha. Promovera uma esbórnia no Teatro Constitucional Fluminense, o que lhe valeu uma prisão em Villegaignon. Ionizou oficiais e praças da fortaleza e, quando menos se esperava, desembarca em Botafogo, com dois canhões e a tropa da fortaleza onde se achava preso e a de Santa Cruz que aderira incontinenti. Aqueles que já sonhavam com a república, imparam de júbilo... Todavia Feijó estava vigilante e despachou imediatamente contra êle o major Luís Alves de Lima, cuja ação foi fulminante. Destroça sua tropa e, divizando a escapula de Frias a cavalo, sai ao seu encalço em veloz

galopada. Desviando-se dum carroça vai ao chão. Monta rápido novamente e chega diante do prédio da rua do Areal, onde topou populares aglomerados. Entrou e solicitou ao político que ali residia o permitisse percorrer a casa. Ao passar por um compartimento fechado, de chofre abre a porta e dá de cara com Miguel de Frias. Fita-o firmemente a condenar sua atitude, permanece mudo, fecha a porta e retira-se. A amizade que lhe devotava Caxias, permitiu Miguel fôsse exilar-se nos Estados Unidos. Vinte anos mais tarde Frias era seu braço direito numa luta externa.

No Rio Grande do Sul, após a vitória de Porongos em 1844, sob ruidosas manifestações populares, chega à cidade de Bagé. O pároco, exprimindo a opinião geral, dá conhecimento a Caxias, de que iria rezar um *Te Deum* pelo triunfo das armas imperiais. O barão agradece a lembrança e fá-lo celebrar uma missa de *Requien* por alma de todos, legalistas e revolucionários, que tombaram sonhando com o dever e com seus ideais.

Aqui foram citados poucos fatos para mostrar o estofo moral de Caxias — um Homem que sabia respeitar os homens.

Luis Alves de Lima, duque de Caxias, além de pacificar quatro importantes províncias, apeou três despostas: Oribe, Rosas e Lopez. E nessas réfregas extrapolou sua glória para a órbita internacional, ingressando na constelação dos heróis sul-americanos, onde fulguram Simon Bolívar, San Martin, O'Higgins e Sucre.

O culto e experimentado mestre general Maurício Gamelin, em notável e famosa conferência — Le Chef, — pronunciada na nossa Escola de Estado-Maior, pontificou que o chefe militar deve ter por base: "a inteligência necessária ao bom êxito de tôdas as empresas humanas, um mínimo de qualidades físicas indispensáveis ao *metier* militar; a coragem, sem a qual se esfacelam, diante do perigo, as mais brilhantes aptidões. Tais são as

qualidades necessárias, mas não as suficientes.

Torna-se mister a elas ajuntar:

— O saber: conhecimentos gerais que nos permitam situar nação nossa própria atividade; conhecimentos profissionais que nos garantam empregar, judiciosamente, os meios de que dispomos e de achar, em qualquer circunstância, já não digo a melhor solução, mas uma solução racional. Do ponto de vista intelectual, como do ponto de vista moral, o perigo é o desconhecido. Que justa confiança em nós, quando, abordando pela primeira vez o campo de batalha, sabemos quais as dificuldades que iremos topar! E que as consequências, sob o ponto de vista do desenvolvimento de nossa autoridade sobre nossos inferiores! Um chefe brilhante é o orgulho de sua tropa. Poderemos empenhar-nos com um corpo de oficiais e de soldados que duvidem do nosso valor profissional? Porque, estejais convencidos que vossos subordinados vos julgam, melhor sem dúvida do que vós mesmos o julgais.

Não sómente conhecer a aparelhagem material, mas conhecer o homem: o indivíduo como a multidão: para poder tirar dela o melhor partido.

— A consciência profissional, sem a qual não há exército sólido, porque, precisamente, não há confiança recíproca. O cumprimento do dever não comporta o aproximado. Eu sei que se diz: "O dever é o que se exige dos outros". Entretanto para nós militares, que permanecemos no conceito antigo, o dever é, sem dúvida, o que devemos exigir dos outros, mas é, antes de tudo, o que exigimos de nós mesmos. Não há disciplina se não houver uma subordinação do indivíduo à coletividade.

— Saber e Consciência conduzem ao domínio de si próprio, que permite: não se deixar abater pelos acontecimentos e não mostrar aos que nos cercam as perturbações de nosso espírito ou de nosso coração. Nas horas decisivas, a menor palavra de dúvida da parte do

chefe pode matar a fé no sucesso entre os subordinados".

Se aplicarmos êstes conceitos ao nosso patrono, ao inclito duque de Caxias, ao "grande filho da vitória" (como o chamava o *Jornal do Comércio*), cuja imarcescível memória estamos hoje cultuando, verificaremos que se ajustam, perfeitamente, à sua personalidade.

Provou possuir uma inteligência pouco comum em todos os atos de sua vida, quer comandando na paz e na guerra, quer administrando.

Deu provas eloquentes da sua resistência física em tôdas as campanhas, principalmente no magnífico *raid* a Minas Gerais, em 1842, quando vingou a distância do Rio de Janeiro a Ouro Preto em onze dias, vadeando rios, grimpando serras e descendo declives, a pé ou a cavalo, chegando em condições de vencer, rapidamente, os amotinados de Barbacena.

Mostrou-se duma coragem inaudita, duma bravura contagiante, dum sangue frio, cujo primacial efeito era a confiança na tropa. Na campanha contra Rosas praticou um ato que chega à temeridade. Dou a palavra ao marechal J. B. Borman para pindarizar êste feito: "Um dia, mete-se com o almirante Greenfell a bordo do vapor "Afonso"; singra para o pôrto de Buenos Aires, onde penetra à vista da esquadilha inimiga e navios de guerra estrangeiros; manda fundear nas vizinhanças de Palermo, residencial do fero ditador Rosas, e aí se conserva mais de cinco horas, empregadas em sondar o ancoradouro, ante a admiração dos estrangeiros e o terror do inimigo por semelhante ato de ousadia". Caxias foi como Turenne — a bravura crescia na razão da idade. Mais tarde já sexagenário leva a efeito a célebre arrancada sobre a ponte de Itororó. Informado da existência de um passo no corte do rio, despacha o valoroso Osório, com o fito de fintar as tropas heróicas do bravo Bernardino Caballero, enquanto seria executado um ataque frontal pela ponte. Mercê de informações erradas Osório desviou-se. O tempo urgia. Caxias desencadeia o ata-

que. Nossas tropas arremensam-se como titãs, chocam-se com o rochedo da bravura paraguaia e refluxam. Nova arremetida de touros bravos e novo recuo. Já caíram o inconfundível general Argolo e o impávido paraense general Gurjão. Naquele vai e vem de sangue, fogo e morte, Caxias, convedor profundo de sua gente, desembainha a espada e à frente vai gritando: "Sigam-me os que forem brasileiros!" A vitória é mulher, enfeitiça-se pelos bravos. E corou de louros a fronte de Caxias...

No que diz respeito à cultura e à consciência profissional muito poucos grandes capitães lhe levaram a palma. Sua ação de Tuiuti a Assunção, durante 26 meses, é uma obra prima. A organização que deu ao Exército sob seu comando. Os planos de informações que traçou e pôs em execução. O plano de manobra que concebeu e realizou. O plano de emprêgo da tropa que gizou e levou de vencida. Tudo isto prova sua exponencial capacidade de concepção, sua ultraextraordinária envergadura de chefe, seu domínio sobre si mesmo e, sobretudo, sua firmeza de alma. Tomando-se hoje as instruções e ordens do inegualável duque de Caxias e as examinando à luz da técnica moderna, chega-se à conclusão de que tudo se acha perfeitamente *up to date*, levando-se em conta os meios coevos.

Nossa tropa encalhara em Tuiuti: cançada, faminta, esquálida, transformada em pasto para o *cholera-morbus*. Parecia haver um sotilégo entibiando o ânimo de nossa gente. O ambiente pestilento quicava provocara a acescência entre os chefes principais — não podiam ser piores as relações entre os mesmos. Caxias sentiu que antes de mais nada tinha que metamorfosear aqueles fantasmas em homens, acrisolando-lhes os méritos através de uma organização aceitável. Adotou dispositivos para descansar a tropa, enquanto providenciava depósitos de viveres, armazéns, hospitais e cavalhada. Com a tropa refeita e bem provida prepara-se para o segundo lanço — tomar Humaitá com

a finalidade de tornar franca a navegação do blandifluo Paraguai. Obtido êste intento, transfere para Humaitá todos os depósitos, armazéns e hospitais e dessa nova base progride, num terceiro esticão até esbarrar-se com a posição de Pequiseri, continua organização do terreno, desenvolvendo-se da lagoa Ipoá às barrancas do Paraguai. Seria difícil, moroso e perigoso agarrar o touro pelos chifres; então Caxias decide realizar o quarto tempo da sua manobra, contornando a posição pela esquerda através do Chaco. Desembarcou em Santo Antônio, marchou, agora, do norte para o sul, vencendo sucessiva e rapidamente as batalhas de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas. Pequiseri caiu pela sublime manobra realizada. Fácil foi entrar triunfante em Assunção.

Nessa mirífica manobra para quebrar a vontade do inimigo, derrubando-o pela cauda, Caxias demonstrou um senso de oportunidade admirável. Lobrigou sua *golden opportunity* e não lha permitiu fugir das mãos. Em Pequiseri estavam as derradeiras esperanças de Solano Lopez, ali situou o seu *on ne passe pas*. Estavam tão persuadidos da inexpugnabilidade da posição que, quando tiveram notícia da passagem de Caxias pelo Chaco, imaginaram o exército brasileiro completamente desbaratado pela fúria das águas do Paraguai em enchente. E a meiga companheira do tirano Mme. Lynch, com um sorriso de escárnio, duvidou da arriscada emprésa obtemperando: "Aníbal só houve um".

Em parte Lopez e sua amante tinham razão. Dois dias após a passagem do nosso pessoal pelo chaco, o rio cresceu demeuradamente a ponto de os navios da esquadra navegarem folgadamente sobre a nossa estrada de marcha...

Caxias colocou Solano Lopez como uma noz entre duas tenazes. Deixou parte de sua tropa forçando Pequiseri de sul para norte. Levou o resto para Santo Antônio e tomou a ofensiva do norte para o sul. O magnífico chefe poderia ficar na posição menos perigosa, mas

preferiu deslocar-se com a tropa encarregada do movimento. Hernan Cortez ao chegar ao México quemou seus navios, cuja significação seria vencer ou morrer. Caxias fez quase a mesma coisa. Levou o que pôde para Santo Antônio, de modo que, com a enchente do caudal, ninguém poderia pensar em retroceder. Viver era vencer.

"A manobra de Caxias — afirma o chorado general Tasso Fragoso, — contornando pelo Chaco e vindo depois atacá-lo (Lopez) pela retaguarda, baldara-lhe o esforço e anulou a posição que ele havia construído ao norte do Pequiseri, com tanta habilidade e senso tático."

"Agora, embora o quisesse, já não dispunha de tempo para levantar construção idêntica na mesma região e com frente para o lado opositor. A linha continua da margem direita do Pequiseri estava convertida em posição aberta de que os aliados se iriam apossar com extrema facilidade".

Antes de falar sobre outro assunto, vamo-nos socorrer do testemunho de Dionísio Cerqueira para pincelar o cenário do Chaco :

— "Nos galhos das árvores, viam-se, muitos metros acima das nossas cabeças, pedaços de pau, raízes e chamiços enganchados, marcando com a cissalhagem das enchentes o limite das grandes águas. Sentia-se um cheiro indescritível de mofo, de lama, de todos aqueles detritos putrefatos que nos cercavam por toda parte e corriam o ar que respirávamos, principalmente à noite, fechados nas nossas tendas de campanha e dormindo à flor do solo. O "albardão" em que acampamos era limitado de um lado pelo rio e do outro por um lençol dágua que podia ser uma lagoa ou um arroio, porque não o viam correr: era estreito e longo, e perdia-se na espessura da mata, mais negra do que ele, que nem ao menos refletia os raios do sol, que penetravam coados pela folhagem da abóboda sombria e caíam na sua face lisa da cõr da noite."

Os engenheiros de Rufino Galvão sondaram a lama infecta e abriram um pique na mata. Em 23 dias estavam abertos onze quilômetros do caminho e construídas cinco pontes. Para estivar a lama, o general Argolo encarregado da operação, empregou a infantaria que, distribuída ao longo da vereda, com lama pela cintura, calçava as estipes da palmeira carandá. Foram utilizados mais de seis mil caules!

Honra a Caxias que concebeu tão arriscada quão eficiente manobra e aos seus bravos soldados que, sem poupar sacrifícios, tiveram forças para realizá-la alcandorando bem alto nossa bandeira.

Caxias defrontou o Pequiseri a 1 de outubro, e a 30 de dezembro do mesmo ano de 1868 obteve a rendição de Angustura — 3 meses. Sua manobra teve em mira aniquilar o inimigo; para isso executou um amplo envolvimento estratégico através do Chaco, para desembarcar na retaguarda de Lopez, em Santo Antônio. Não podendo envolver Caballero em Itororó, o fez magistralmente em Avai. Levou nossas tropas a igual envolvimento tático em Lomas Valentinas, onde triturou o grosso das tropas lopezguaias. Com o famoso envolvimento estratégico e com os dois envolvimentos táticos, na gloriosa dezembrada, Caxias aniquilou o inimigo e entrou em Assunção. O resto seria apenas trabalho de limpeza... O "grande herói tranquilo", como foi denominado por Euclides da Cunha, por atuar sempre com energia e brandura, binômio que o notabilizou, achou desnecessários novos esforços para caçar um homem, depois de haver destruído todo seu poder militar.

Na política Caxias foi tudo: Deputado, Senador, Presidente de Província, Ministro, Presidente de Conselho, mas "o grande mérito do famoso soldado" — assevera o saudoso Coronel Silvio Scheleider — "está, pois, principalmente, em ter logrado vincular o fecundo conexo entre a política elevada e o exército, numa sábia e contínua ação construtora, conjugando êsses dois poderosos elementos na conquista

successiva das mais legítimas e nobres anseios da alma brasileira, a palpitá pelos ideais, cujos frutos são o patrimônio de que hoje nos ufanamos sob a mais sincera reverência pelo passado, estimulando-nos a cuidar, por nossa vez, da herança que nos cumpre legar às gerações. do Brasil de amanhã".

Caxias não sómente fêz conexo entre a política e o exército, como aplicou, perfeitamente, naqueles tempos idos, o trinômio da guerra moderna: Política, Estratégica e Logística.

Dizia, com autoridade que todos lhe reconhecemos, Lundendorff: "para alcançar o éxito são necessárias idéias sãs e preparo intelectual do chefe". E pontificava que o chefe ao tomar uma decisão capaz de lhe jogar sobre os ombros o peso da grande responsabilidade, era impelido por duas forças da sua equação pessoal: a sua vontade e o seu caráter.

A vontade de Caxias foi sempre férrea, inteligente, reflexa e livre. Todos os atos de sua vida provam-no sobejamente. Jamais alguém o levou para onde não quisesse ir. Pronto estivera para lutar contra o pai, quando da abdicação de Pedro I. Na luta contra os farroupilhas não quis saber que seu tio era farrapo. Ao defrontar Diogo Feijó, em Sorocaba, não atendeu ao seu verbo convincente. Sabia querer e quase sempre queria em segredo, o que tem mais força.

O caráter é função da hereditade, do temperamento, do ambiente e da educação. A primeira e as duas derradeiras são altamente positivas em relação a Caxias. Vamos examinar a segunda — o temperamento — valendo-nos de um interessantíssimo estudo de Oliveira Viana, uma das expressões mais vivas da inteligência brasileira.

— "Dotara-o a natureza, antes de tudo, com uma inteligência caracteristicamente "realista" — uma inteligência de homem de ação, tal como a define a moderna psicologia. Caxias, como general, tinha a intuição pragmática, a visão imediata e concreta das coisas e dos homens, das condições do meio, de

todos os dados dos problemas, táticos ou estratégicos que lhe cabia resolver. Nunca falhou num plano. Nunca errou num cálculo. Nunca se enganou numa diretriz. Nunca foi salteado por uma circunstância ou uma consequência imprevista".

"Na inteligência de Caxias tudo era lucidez, previsão, justeza, objetividade, imaginação correta e realista. O Brasil nunca teve soldado, cuja inteligência fosse mais incapaz de sonho, mais refratária à fantasia, mais inapta para construir sobre irrealidades, Caxias nunca cultuou outro deus senão aquele deus carlyleano "das coisas como as coisas são — 'the God of things as they are'".

Continua ainda Oliveira Viana: "Os modernos fisiopsicólogistas insistem muito sobre as condições de "constituição temperamental" dos indivíduos e suas repercussões sobre a atividade intelectual, e mesmo sobre o tipo de inteligência. Eles mostram as íntimas correlações entre o que eles chamam o "tipo etológico" (temperamento) e "tipo noológico" (inteligência). Ora, em Caxias, estudando os biógrafos, tudo nos leva a crer que o seu tipo noológico era poderosamente auxiliado e mesmo acrescido pelo seu tipo etológico. Ele era (ou devia ser) um temperamento equilibrado e sólido entre fleumático e sanguíneo, verdadeiro tipo de engenho, saudável e calmo de nervos, de emotividade controlada, sem exageros ou desequilíbrios afetivos de qualquer espécie. Em suma: um temperamento destes que os psicólogistas e constitucionalistas modernos, à maneira de Kretschmer, chamam de "ciclotípicos".

Afirma Kretschmer: "Le grand de amour propre et la vanité sont rares chez les cycloïdes" e Oliveira Viana conclui: "Caxias, que me parece um ciclóide típico, nos dá uma demonstração admirável desta verdade psicológica".

Quando Dom Pedro II pretendeu viajar no estrangeiro agiu como se ria, valendo-se de todos os argumentos, para que Caxias aceitasse, pela terceira vez, a pasta da Guerra, cumulativamente com a Presidê-

cia do Conselho. Acabou convencendo-o. Desejava que a princesa Isabel na Regência, durante sua ausência, tivesse ao seu lado um homem de integral confiança. Mais de dois anos o imperador passeou por terras estranhas e, apesar da paz e das realizações verificadas, levou Caxias a solicitar demissão. Mas isto não foi nada. Ordenou-lhe entregasse o governo aos seus inimigos políticos.

"Obedecendo ao imperador — assevera Oliveira Viana — que o mandara procurar Sinimbu, para que lhe transmitisse o poder, Caxias deu a demonstração mais completa da sua ausência de espírito de facção, do seu desapreço aos partidos, tivessem êles a importância que tivessem e fossem quais fossem os seus chefes. Zacarias tipo de esquizóide duro e altivo, dominado pelo fanatismo do seu grupo, não teria por certo cumprido esta ordem."

Fosse Caxias do tipo esquizóide, com a soma de poder que teve em suas mãos, quiçá fosse outro o rumo da nossa história política. A história está cheia de exemplos e o de Napoleão é o mais eloquente.

O americano William E. Brooks escreveu, um magnífico estudo sobre Grant, o valoroso vencedor da Guerra de Secessão. Dividiu seu livro em um prólogo — *The Meaning of the Man*, duas partes: *The Making of the Man* e *The Man at his Best* e um prólogo: *The Man and Today*. Aplicando estes títulos ao "Condestável do Império" como o chamou Osvaldo Orico, podemos concluir:

— Qual a significação do Homem?

— A significação da vida de Caxias corresponde a dinâmica dos fatos que encheram a história do Império. Foi a sentinelas ovante do regime.

— Que fêz o Homem?

— Caxias pacificou quatro províncias, apeou do poder três despostas, contribuiu para a formação de uma nova nação sul-americana, organizou o Exército Nacional, go-

vernou com lealdade e sem ambições.

— Que o Homem fêz de melhor?

— Caxias foi a argamassa que solidificou o Brasil, quando esteve ameaçada sua integridade territorial, evitando sucedesse com o império luso o que aconteceu com o espanhol.

— O Homem e hoje.

— Caxias não morreu e aqui estão os cadetes de Caxias. Vive ainda nos corações dos brasileiros que bem apreciaram seus feitos e suas ações. Os geométricos sociais que gisaram a obra de Foch, após a primeira guerra mundial, deram-lhe o galardão de uma vida eterna, o título de um morto imortal, Luís Alves de Lima também mereceu esta honra. O dia em que se comemora seu aniversário natalício é o Dia do Soldado ou o Dia de Caxias, as duas expressões têm tanta afinidade que se tornaram sinônimas.

A lealdade, a desambição, o amor ao trabalho e às instituições foram tais no "Duque de Ferro" que, hoje, quando alguém no Exército trabalha com vigor, amor, afinco e desassombroadamente, afirmam — é um Caxias.

Enquanto houver soldado brasileiro, enquanto houver Exército, enquanto houver fôrças armadas, enquanto houver Brasil — haverá forçosamente Caxias. As seis letras dos dois nomes Brasil e Caxias, se bem que exprimindo coisas diferentes, representam nos corações brasileiros a mesma coisa. Um é o corpo gigantesco, alto e forte; o outro é a própria alma da Pátria.

Por outro lado andou inspirado o poeta, quando, tangendo sua lira, disse:

É tão grande a figura por ele projetada em nossa história, que só mesmo o tamanho desta Pátria lhe serviria de moldura.

*quando a
ficiênci*

*é uma
Tradição*



Desde 1927
se empenha a
Varig em oferecer
ao público
o melhor serviço,
adotando as mais
modernas inovações
na técnica do
transporte aéreo.



um serviço aéreo
tradicional